

Intelectuais e o apoio ao franquismo na América Latina

Maria Antonia Dias Martins
Professora do Centro Universitário Fundação Santo André (SP)
mariaantoniam.d@uol.com.br

Após o término da Segunda Guerra Mundial, o governo franquista sofreu um isolamento diplomático que os países vencedores do conflito lhe impuseram. Havia por parte dos aliados um esforço por derrotar todas as forças que pudessem, de alguma forma, ser identificadas com o nazi-fascismo europeu, como era o caso espanhol.

Essa posição dos aliados era fortalecida pelos republicanos espanhóis que, obrigados a sair da Espanha, faziam intensa campanha contra o governo franquista. Os exilados espanhóis acusavam o governo de Francisco Franco de ter vencido a Guerra Civil com o apoio das forças italianas e alemãs. Para os republicanos, o franquismo podia ser considerado como um resquício do nazi-fascismo que precisava ser eliminado.

Dentre os exilados espanhóis, havia um número considerável de intelectuais e cientistas que gozavam de prestígio internacional e por isso tinham acesso a diversas formas de divulgação de suas posições, como periódicos culturais e diferentes espaços acadêmicos.

A Hispano-América foi a região que mais recebeu republicanos, destacando principalmente México e Argentina. No México, o apoio do presidente Lázaro Cárdenas foi fundamental para a entrada de milhares de espanhóis. Alguns institutos ficaram indelevelmente marcados pela presença destes exilados, como o Colégio de México, a UNAM, o *Fondo de Cultura Econômica* e os *Cuadernos Americanos*.

No entanto, o governo de Franco não ficou imóvel diante do isolamento e da contrapropaganda que enfrentava no plano internacional. A América representava um ponto sensível dentro da estrutura montada pelo governo sublevado para a organização de uma política cultural destinada ao exterior. A busca pela consolidação de uma comunidade hispano-americana fazia parte da afirmação da própria autonomia nacional e internacional. As antigas colônias faziam parte de um ideal de recuperação do passado, caro aos franquistas: as glórias do passado imperial, como

seu passado de propagação da fé católica, deveriam ser lembrados de forma a sensibilizar os povos de origem comum, ou seja, os hispânicos dos dois lados do Atlântico.

A administração construída pelo governo franquista era baseada num organograma no qual o *Ministerio de Asuntos Exteriores* (MAE) abarcava a Junta de Relações Culturais (JRC), que tinha como uma de suas missões aumentar o prestígio internacional do governo¹. Fazia parte das tarefas da JRC o desenvolvimento de uma contrapropaganda que contestasse os argumentos usados pelos exilados, o recrutamento de adesões internacionais ao governo franquista e uma série de medidas destinadas a seduzir as elites culturais hispano-americanas, como, por exemplo, a concessão de bolsas de estudo, o envio de livros e uma tentativa de transformação, mesmo que lenta, da Espanha na sede da intelectualidade de fala espanhola.

Dentro da estrutura da JRC foi criado, em 1940, o *Consejo de Hispanidad*, que teve como ponto de partida a preocupação em tornar a Espanha uma ponte entre a Europa e a Hispano-América. As principais atividades do *Consejo de Hispanidad* foram desenvolvidas no período de abril a dezembro de 1941. Suas ações estavam concentradas em duas vertentes: promover a ida de intelectuais hispano-americanos à Espanha com objetivo de estudar e estabelecer fundamentos e normas da difusão da doutrina da *Hispanidad*, além de enfraquecer a hegemonia dos EUA sobre a região, fortalecendo, assim, a posição de liderança cultural da Espanha².

Em 1945, após uma reorganização do *Ministerio de Asuntos Exteriores* (MAE), o *Consejo de Hispanidad* foi substituído pelo *Instituto de Cultura Hispánica* (ICH). Dentre os objetivos a serem perseguidos pelo novo instituto, constavam: a defesa e difusão da cultura hispânica, o fomento do conhecimento mútuo e intensificação do intercâmbio cultural, a ajuda e coordenação das iniciativas públicas e privadas e o assessoramento ao ministro sobre essas matérias. Embora o ICH fosse ligado ao MAE, sua constituição jurídica o definia como uma entidade autônoma, uma instituição paraestatal. No entanto, tal constituição não o tornava independente, pois suas ações eram definidas a partir dos planos traçados pelo próprio ministério, por meio da JRC. Dentro da política cultural estabelecida pelo governo espanhol, o ICH desempenhava o papel de intermediário que atuava por delegação estatal, mas sempre procurando não deixar evidente sua ligação com o aparelhamento do Estado³.

O ICH era considerado ainda como o responsável pelo combate às ideias que haviam afastado a Espanha dos países hispano-americanos, como o indigenismo, o nacionalismo e o antiespanholismo político derivados da emancipação, e também o comunismo. Para tanto, foi necessário construir um arcabouço ideológico guiado pelo conceito de *Hispanidad*⁴.

No âmbito editorial, o ICH promoveu a circulação de obras com temáticas americanistas e também publicou duas revistas: *Mundo Hispánico* e *Cuadernos Hispanoamericanos* (CH). A primeira tinha como alvo o grande público espanhol e seu objetivo era divulgar notícias da “atualidade”, sobretudo referentes à comunidade ibero-americana; a segunda era dirigida para um público mais específico, ligado aos campos literário e acadêmico.

A revista CH tinha o objetivo de atingir um público mais seletivo, além de servir como resposta aos *Cuadernos Americanos*, publicada no México e criada como resultado de uma parceria entre intelectuais mexicanos e republicanos espanhóis exilados. A tiragem de *Cuadernos Hispanoamericanos* era de 2.000 exemplares, dos quais cinquenta por cento eram enviados à América⁵.

CH serviria para mostrar ao mundo uma Espanha una, na qual as divergências políticas transitórias teriam um peso menor em relação aos aspectos culturais como a língua, a fé e a raça, que eram permanentes. Se os *Cuadernos Americanos* veiculavam um discurso de discórdia e enfrentamento, os *Cuadernos Hispanoamericanos* surgiram com o propósito de agregar os povos hispânicos numa só comunidade. Por meio dessa revista, o Estado Novo espanhol buscava superar a imagem de país dividido pela Guerra Civil que tanto os exilados perpetuavam.

Os *Cuadernos Hispanoamericanos* passaram por várias fases⁶, contudo nos deteremos apenas na primeira, que foi apresentada como fruto de um projeto cultural, mas que, na realidade, foi idealizada com propósitos políticos.

É importante destacar que, a partir do momento em que a vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial foi se definindo, surgiram sinais que demonstravam o interesse do governo franquista de se distanciar da Falange, muito comprometida com a ideologia fascista e claramente favorável ao Eixo.

Em 1950, teve início o movimento de aceitação do governo espanhol pela comunidade política internacional com a chegada do embaixador norte-americano a Madrid. Para Stanley Payne, nesse ano, a “España estaba en pleno florecimiento

capitalista. El margen de beneficios de los grupos económicos era elevadísimo y las empresas aumentaban constantemente su capital social.”⁷

Cuadernos Hispanoamericanos e Mario Amadeo

Fazia parte da estratégia de atração dos colaboradores hispano-americanos a nomeação do argentino Mario Amadeo⁸ como codiretor da revista, para atuar junto a Pedro Laín Entralgo. Sua contratação se deu a partir do número 5 (setembro/outubro de 1948). Nesse número, seu nome já aparecia na contracapa como codiretor.

Sob a direção de Luis Rosales, a revista passou a ter uma seção nova, intitulada “*¿Adonde va Hispanoamérica?*”, publicada no final do exemplar após o índice e em folhas azuis. Essa seção foi publicada, sem interrupção, entre 1951 e 1955 e a primeira aparição ocorreu no número 20 (marzo/abril 1951), sendo justificada da seguinte forma:

Siendo origen de atención primordial para nosotros los movimientos culturales de Hispanoamérica, reproducimos a continuación los manifiestos más importantes publicados en los últimos meses sobre el destino común de los pueblos hispánicos, y abrimos una sección en nuestra revista, destinada únicamente a recoger todas aquellas aportaciones que sobre el tema tengan a bien ofrecernos nuestros lectores.⁹

Com isso, os editores pretendiam chamar a atenção para ações que estivessem relacionadas à construção de um destino comum entre espanhóis e hispano-americanos. O primeiro artigo divulgado nessa seção foi o de autoria de Mario Amadeo, cujo título era: *Bases para una política hispanoamericana*. Nesse texto, o autor apresentou uma análise das forças externas que os países hispano-americanos deveriam enfrentar no mundo pós-guerra, ou seja, Estados Unidos e Europa.

O autor sugeria ainda, enfaticamente, que as nações hispano-americanas se organizassem na forma de um bloco regional com um sistema jurídico único, capaz de coordenar as ações externas das repúblicas membros, e também um sistema de consultas que poderia ser inspirado no modelo pan-americano.

Nesse bloco, a Espanha teria um papel importante, já que poderia ser convidada a participar do sistema de consultas sem fazer parte efetiva da comunidade regional. Nesse sentido, Mario Amadeo advertia: “Pero la comunidad hispánica que

queremos no puede concebirse sin la presencia espiritual de España. Y esto es lo que interesa en definitiva”¹⁰.

Assim, para o autor, a organização dos países da Ibero-América deveria contar com a presença da Espanha. Ideia esta que convergia com as expectativas da política externa espanhola no sentido de vencer o ostracismo a que estava sujeita.

A seção “¿Adonde va Hispanoamérica?” foi interrompida a partir de 1955. Não coincidentemente, mas em decorrência do fato de que a Espanha foi aceita na ONU, ou seja, integrada à comunidade internacional, objetivo primordial da criação da revista.

Essa seção ainda foi publicada em alguns outros números, como o de fevereiro de 1956 e janeiro e fevereiro de 1957. Porém, em abril de 1957, seu espaço foi ocupado por uma nova seção, intitulada “*Hispanoamerica a la vista*”.

Hispano-americanos e a propagação da Hispanidad

À revista espanhola¹¹, que tinha como missão integrar o mundo hispânico, cabia a divulgação da *hispanidad* na Hispano-América, seguindo esse roteiro:

1º - El pensamiento español de todos los tiempos;

2º - El pensamiento europeo, interpretado por una conciencia hispánica;

3º - El pensamiento hispanoamericano, difundido así entre todos los países que componen el mundo hispánico.¹²

Não podemos deixar de ressaltar que a política de *hispanidad*, dirigida para favorecer as relações com os países ibero-americanos, converteu-se, desde o final da Segunda Guerra Mundial, em um dos elementos primordiais utilizados pela diplomacia franquista.¹³

Láin Entralgo se referia, por diversas vezes, à *hispanidad* para justificar a política de aproximação pretendida pela Espanha através dos CH

É interessante observar a participação de ibero-americanos na defesa do mito da *hispanidad*. Foi divulgada na revista a palestra intitulada *Estirpe de La Hispanidad*, proferida pelo catedrático da Universidade Mayor de San Marcos, de Lima, Dr. José Barco Peña, na Universidade Central de Madrid¹⁴. Nessa palestra, o catedrático peruano traçou um programa que deveria ser divulgado nos países ibero-americanos para que a *hispanidad* não fosse um mero conteúdo declamatório. Fazia parte desse

programa o ensino adequado da História da Espanha, desde a conquista da América, em todos os centros docentes americanos, assim como a divulgação de conteúdos por todos os meios para atingir as massas. Além disso, caberia não só estimular o intercâmbio comercial e material, mas também o ideológico, de forma a se estabelecer uma verdadeira corrente intelectual entre os espanhóis de ambos os mundos.

Outro exemplo de preocupação com a divulgação do mito foi a declaração feita por Don Ramón Beteta¹⁵, então Secretário da Fazenda do governo mexicano, presidido por Miguel Alemán Valdés. Ramón Beteta afirmou: “España nos enseñó a amar a Jesús Cristo. [...] Nos trajo una religión que habla de la paz entre los hombres y de la regla de oro, que ordena no hacer a los demás lo que para nosotros mismo no queramos...”¹⁶.

Essa declaração foi usada na revista para destacar as mudanças em curso no México relacionadas ao enfraquecimento da oposição à Espanha de Franco e para reconhecer a contribuição positiva dada pela Espanha ao país por parte de setores da sociedade mexicana.

A Revista CH contou também com a participação de autores nacionalistas chilenos, como Osvaldo Lira¹⁷, que defendia a ideia de que as nações hispano-americanas eram mestiças, mas a essência cultural de todas era proveniente da cultura espanhola¹⁸. Para Osvaldo Lira, se os indígenas haviam fornecido a matéria bruta das sociedades hispano-americanas, a cultura espanhola moldou-as, como mostra o seguinte trecho¹⁹:

De suerte que, refiriéndose a nuestras naciones hispanoamericanas, la única manera de no faltar a los fueros de la verdad será decir que, al igual de las deudas que tiene la Pietá con el mármol y con Miguel Ángel, son formal o esencialmente españolas y materialmente indígenas, y que cualquier otra oposición respecto de ellas habrá de cerrarnos el camino de comprensión.²⁰

Osvaldo Lira, assim como o argentino Mario Amadeo, defendia um estreitamento nas relações políticas entre as nações hispano-americanas e o governo franquista. Vale notar que a propagação dos valores da *Hispanidad* teve continuidade no pensamento destes dois intelectuais, que prosseguiram na defesa deste ideal nas décadas de 1960 e 1970.

Os nicaraguenses Pablo Antônio Cuadra²¹, Julio Ycasa Tigerino²² e José Coronel Urtecho²³ também contribuíram para a divulgação do ideal hispânico na América Latina, particularmente na América Central.

Em 1936, no início da Guerra Civil Espanhola, Pablo Antônio Cuadra deixou claro qual o lado do conflito apoiava. Fez a defesa dos nacionalistas espanhóis através de uma publicação no periódico católico *La Prensa*, em que afirmava²⁴:

Nuestra adhesión a causa hispana de la Revolución no produce divisiones internas en Nicaragua (...). Esas divisiones ya existen, y si existen es bueno revelarlas para que sea aplastada toda tendencia comunizante o antinacional. (...) Por eso el Comunismo odia al fascismo y contra él dirige sus ataques ayudado por la miopía de los partidos radicales, y de los cándidos burgueses liberaloides al estilo de nuestro gacetillero.²⁵

A identificação destes intelectuais com o regime franquista estava baseada no antiliberalismo, anticomunismo e no nacionalismo. Em artigo publicado em 1948, Julio Ycasa Tigerino manifestava sua preocupação com a possibilidade dos comunistas tomarem a bandeira do nacionalismo.²⁶ Isto seria possível, caso os conservadores não lutassem contra o anti-imperialismo norte-americano.

A defesa da *Hispanidad* contribuiu para fortalecer projetos políticos conservadores e nacionalistas. Fundamentados em valores como a religião, a moral e a cultura tradicionalista, políticos de direita, tanto da Hispano-América quanto da Espanha, valiam-se desses preceitos para persuadir sua clientela.²⁷

A divulgação do espírito da *hispanidad* também era considerada forte aliada na luta contra o avanço comunista. O professor da Universidade de Granada, Francisco Gil y Tovar, no artigo *Hispanoamérica ante el comunismo*²⁸, fez um balanço da situação dos partidos comunistas ibero-americanos e da importância da comunidade hispânica para evitar sua expansão:

Son, pues, hoy por hoy, los pueblos de la Hispanidad – y a pesar de la fertilidad de su suelo para la siembra del comunismo-, los que menos comunistas cuentan. A las declaraciones de ilegalidad ya viejas en Portugal y España, se han sumado las de Nicaragua, Santo Domingo, Brasil, Costa Rica, Chile, Colombia y Perú.²⁹
[...] Hay que decidirse a la integración si se quiere aludir la desintegración; a la manutención de las fuerzas del espíritu si se quiere luchar contra la materialización; y hay que ir a la comunidad para no dejarse ganar por el comunismo.³⁰

Além de antídoto contra o perigo comunista que rondava os países ibero-americanos, a *hispanidad* era invocada como elemento de integração dos povos contra o perigo vermelho. O governo franquista lançava mão desse recurso para enfrentar o isolacionismo a que fora submetido após o final da guerra.

A política externa do regime franquista deu resultados e, em 1953, a Espanha foi aceita na UNESCO, primeiro passo para ser aceita na ONU, o que aconteceria em 1955. Na revista mexicana *Cuadernos Americanos*, o espanhol Mariano Ruíz-Funes comentou os votos dos países hispano-americanos³¹ que colaboraram para o ingresso da Espanha nesses órgãos internacionais e, ao mesmo tempo, denunciou o estímulo que o governo franquista dava para as ditaduras na Ibero-América³²:

Sería injusto olvidar los votos favorables hispano-americanos. El Caudillo es el artífice imperial de la hispanidad. La hispanidad es un supuesto bélico. La integran varios antis, entre ellos la antidemocracia y el antiliberalismo. La hispanidad ha sido el pretexto de una penetración imperialista en la América española, con propósitos de dominación, no de diálogo. Tal proyecto no ha fracasado. España, que exporto espíritu a este continente, exporta ahora falangismo. El miedo ha vencido a la libertad [...]. Los regímenes de opresión, que van ganando los países de este hemisferio, deben mucho al franquismo. Su inspiración ha pesado en los votos de la Unesco, por un movimiento de gratitud. España estaría en ella por derecho propio. La España de Falange ha entrado por derecho de conquista.³³

Na avaliação do autor, a *hispanidad*, arquitetada pela falange espanhola, conseguira penetração na sociedade hispano-americana e contribuíra para a derrocada dos regimes democráticos no continente.

Com a entrada da Espanha na ONU, o objetivo que tinha levado órgãos do governo franquista à criação da revista CH havia sido alcançado: o isolacionismo espanhol estava superado. A partir de então, a revista passou a visar outros objetivos: a luta contra o comunismo e a aliança com as potências ocidentais.

¹ DELGADO GOMEZ-ESCALONILLA, Lorenzo. *Imperio de Papel: Acción Cultural e Política Exterior*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas – CSIC, 1992.

² DELGADO GOMEZ-ESCALONILLA, Lorenzo. *Diplomacia franquista y Política cultural hacia Iberoamérica. 1939-1953*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones científicas – CSIC, 1988, p. 69.

³ Em dezembro de 1956, um editorial de *Cuadernos Hispanoamericanos* listava os objetivos do ICH com a Hispano-América para o futuro: a formação de técnicos de grau superior e médio; a industrialização de todos os países da comunidade hispano-americana; a supressão das barreiras aduaneiras; a instauração da nacionalidade hispânica para fins profissionais e de liberdade de domicílio; a constituição de agências de notícias e de informação próprias; o estabelecimento de ágeis sistemas de pagamentos; a formação de frotas que acelerem o transporte marítimo das mercadorias; o intercâmbio ilimitado de professores e alunos; a supressão definitiva de tarifas sobre livros e revistas culturais e científicas; o fomento de publicações com destino a bibliotecas públicas e de especialidade americanista; convênios educativos de caráter múltiplo sobre experiências pedagógicas, livros de texto e diversos materiais docentes; edição de bibliografias monográficas; o intercâmbio de experiências científicas e culturais, etc. Editorial. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 84, p. 279, diciembre 1956.

⁴ Ver MARTINS, Maria Antonia Dias. Identidades em revista: hispanismo e *hispanidad* em *Cuadernos Americanos* e *Cuadernos Hispanoamericanos* 1942-1955. *Revista Eletrônica da Anphlac*, n. 11, jul-dez de 2011.

⁵ Editorial, *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 84, p. 279, diciembre 1956.

⁶ A primeira fase da revista vai de 1948 a 1966, período de exaltação dos valores da hispanidade, do cristianismo católico em oposição aos valores ateus e materialistas do comunismo. Nesta fase, também são publicados textos de figuras identificadas como anti-franquistas. Estas publicações são explicadas pela preocupação da revista em mostrar uma Espanha unida culturalmente. A segunda fase vai de 1966 a 1982. Neste período, é forte a influência de historiadores na revista, como também uma renovação dos intelectuais que dela participam. A revista atua numa nova atmosfera de mudanças sociais que até 1975 não foi acompanhada na vida política. Neste período, houve o *boom* de escritores latino americanos, que terão lugar em CH. Neste momento, há também uma forte presença do pensamento revolucionário, principalmente após a Revolução Cubana. Podemos considerar que em 1975 houve o nascimento de uma terceira fase, com a mudança política provocada pela morte de Franco e a chamada transição política que abriu espaço para debates e a divulgação de informações antes proibidas. A Espanha torna-se um país de “acolhida”, com a proliferação de ditaduras na América. Em 1996, inaugura-se uma quarta fase, com a direção de Juan Malpartida, o primeiro americano a dirigir a revista. Nesta fase, a revista emprega dossiês temáticos com seções de ensaios breves e literatura, além de entrevistas e uma sessão de atualidades. A política editorial volta sua edição para um público com formação intelectual média ou superior, que esteja interessado nas “humanidades” e também nas artes visuais. Cf. MATAMORO ROSSI, Blas. Una ojeada retrospectiva sobre *Cuadernos Hispanoamericanos*. In: *LA HUELLA EDITORIAL del Instituto de Cultura Hispánica – Ediciones Cultura Hispánica y otras publicaciones: estudios y catálogo (1944-1980)*. Madrid: Fundación MAPFRE TAVERA y Ministerio de Asuntos Exteriores, 2003.

⁷ PAYNE, Stanley G. *Falange*. Historia del fascismo español. Madrid: Ediciones Ruedo Ibérico, 1974, p. 201.

⁸ O argentino Mario Amadeo (1911-1983) era advogado, professor universitário e diplomata. Considerado como católico conservador, foi um dos fundadores da Ação Católica em 1931. Em 1956, colaborou com a criação do semanário nacionalista argentino *Azul y Blanco*. Este semanário trazia traços de continuidade com o pensamento conservador hispânico, como valorização da fé católica, anti-imperialismo e antiliberalismo. GALVÁN, M. V. (2012) El semanario *Azul y Blanco* y las transformaciones en los discursos y prácticas políticas del Nacionalismo de derecha durante la larga década del sesenta [en línea]. VII Jornadas de Sociología de la UNLP, 5 al 7 de diciembre de 2012, La Plata, Argentina. En Memoria Académica. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.1962/ev.1962.pdf Acesso em: 22 de julho de 2016.

⁹ *Cuadernos Hispanoamericanos*, 1951, n. 20, sem página.

¹⁰ AMADEO, Mario. Bases para una política hispanoamericana. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 20, s. p., marzo/abril, 1951.

¹¹ *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 50, p. 276-278, febrero 1954.

¹² *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 50, p. 277, 1954.

¹³ Ver DELGADO GOMEZ-ESCALONILLA, 1988, Op. Cit., p. 111.

¹⁴ BARCO PEÑA, José. Estirpe de la Hispanidad. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 07, p. 152-154, jan./feb., 1949.

¹⁵ Ramón Beteta (1901-1965). Foi advogado, professor universitário e ocupou diferentes cargos burocráticos no aparelho estatal mexicano.

¹⁶ Essa declaração foi dada por Don Ramón Beteta no City Hall de Los Angeles durante as comemorações da independência do México. Cf. MEOUCHI, Edmundo. Última hora de la hispanidad. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 17, p. 315-316, sep/oct, 1950.

¹⁷ Osvaldo Lira (1904-1996). Sacerdote e Professor de filosofia. Nos anos 1930, participou da revista *Estudios*, ligada ao grupo *Acción Católica*. Foi mestre de Jaime Guzman (1946-1991), um dos ideólogos do Governo Pinochet.

¹⁸ Também colaboraram com *Cuadernos Hispanoamericanos*, na defesa da *Hispanidad*, os chilenos Armando Roa e Ricardo Krebs, ambos identificados com o nacionalismo cristão.

¹⁹ LIRA, Osvaldo. Hispanidad y mestizaje. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 08, p. 279-286, marzo/abril, 1949.

²⁰ LIRA, 1949, p. 283.

²¹ Pablo Antônio Cuadra (1912-2002). Poeta católico nicaraguense. Destacada figura do vanguardismo centro-americano. Também exerceu as funções de jornalista e professor universitário. A partir de 1964, passou a presidir a Academia Nicaraguense de Língua.

²² Julio Ycasa Tigerino (1919-2001). Escritor e político nicaraguense. Exerceu o cargo de deputado nos períodos de 1957-1967 e 1972-1979. Na década de 1980, esteve preso em decorrência da defesa que fazia da ideologia católica-conservadora.

²³ José Coronel Urtecho (1906-1994). Foi escritor, diplomata e historiador nicaraguense. Entre 1933 e 1936, participou do movimento político *Reaccionario*. Foi eleito deputado e desempenhou vários cargos dentro do partido somozista. Em 1977, passou a apoiar a revolução sandinista.

²⁴ Ver BLANCO, Luis Alfredo Lobato. Controversia ideológica sobre la idea de hispanidad y guerra civil española. Nicaragua (1936-1944). *Norba Revista de Historia*. Universidad de Extremadura. 2001, p. 227-236. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/241029.pdf> Acesso em: 24 de julho de 2016.

²⁵ CUADRA, 1936, apud BLANCO, 2001, p. 228.

²⁶ YCASA, Julio Tigerino. La verdadera emancipación de la América Hispana. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 2, p. 269-288, marz/abr, 1948.

²⁷ CAPELATO, Maria Helena Rolim. Cuadernos Hispanoamericanos – Idéias políticas numa revista de cultura. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, 2005.

²⁸ GIL y TOVAR, F. Hispanoamérica ante el comunismo. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 14, p. 279-293, marzo/abril, 1950.

²⁹ GIL Y TOVAR, 1950, p. 287.

³⁰ GIL Y TOVAR, 1950, p. 293.

³¹ A América Latina representava dois quintos dos votos – 20 entre 51 – nas Nações Unidas, o que fazia dela um importante bloco de eleitores. Ver BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian. *A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Tradução: Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996, p. 46.

³² RUIZ-FUNES, Mariano. Falange en la Unesco. *Cuadernos Americanos*, México D.F., n. 01, p. 86-90, ene/feb 1953.

³³ RUÍZ-FUNES, 1953, p. 89.